

Os
SETE
MARIDOS
de
EVELYN
HUGO

TAYLOR JENKINS REID

«Evelyn Hugo é a glamorosa figura icônica que admiramos, mas é também a persistente lutadora que aspiramos ser. A sua história de vida é triste mas maravilhosa, e irá cativar os leitores até à última página.»

US Weekly

TOP
SEL
LER

*Para a Lilah.
Esmaga o patriarcado, minha querida!*

Evelyn Hugo Vai Leiloar Vestidos

PRIYAAMRIT

2 DE MARÇO DE 2017

Evelyn Hugo, lenda cinematográfica e sensação da década de 1960, acaba de anunciar que vai leiloar doze dos seus vestidos mais memoráveis através da leiloeira Christie's, a fim de angariar fundos para a investigação sobre o cancro da mama.

Com 79 anos, Evelyn é há muito tempo um ícone de *glamour* e elegância. Conhecida pelo estilo pessoal simultaneamente sensual e contido, muitos dos seus visuais mais famosos são considerados marcos na história da moda e de Hollywood.

Aqueles que estiverem interessados em adquirir um pedaço da história de Evelyn sentir-se-ão atraídos não só pelos próprios vestidos mas também pelo contexto em que foram usados. Incluídos na venda estarão o *Miranda La Conda* verde-esmeralda que Hugo usou nos Óscares de 1959, o vestido comprido de organdi violeta com decote pronunciado que envergou na estreia de *Anna Karenina*, em 1962, e o *Michael Maddax* de seda azul-marinho que usou em 1982, quando ganhou o Óscar pelo seu papel em *Tudo por Nós*.

Evelyn resistiu a muitos escândalos em Hollywood, entre os quais os seus sete casamentos, incluindo um relacionamento de várias décadas com o produtor cinematográfico Harry Cameron. O casal de Hollywood teve uma filha, Connor Cameron, que foi, sem dúvida, a influência para o leilão. Connor morreu no ano passado, de cancro da mama, pouco depois de fazer 41 anos.

Nascida em 1938, Evelyn Elena Herrera, filha de imigrantes cubanos, cresceu no bairro de Hell's Kitchen, na cidade de Nova Iorque. Em 1955, já chegara a Hollywood, tornara-se loira e mudara o nome para Evelyn Hugo. Quase da noite para o dia, Evelyn passou a fazer parte da elite de Hollywood. Manteve-se sob as luzes da ribalta durante mais de três décadas, antes de se reformar no final da década de 1980 e de se casar com o financeiro Robert Jamison, irmão mais velho de Celia St. James, atriz que venceu três Óscares. Hoje em dia, viúva do seu sétimo marido, Evelyn reside em Manhattan.

Dona de uma beleza extraordinária e um exemplo de *glamour* e sensualidade ousada, Evelyn tem sido uma fonte de fascínio para os cinéfilos em todo o mundo. Prevê-se que este leilão angarie uma quantia acima dos dois milhões de dólares.

— **P**odes chegar aqui?
Olho para as secretárias em meu redor e fito novamente a Frankie, tentando perceber com quem ela está a falar ao certo. Aponto para mim própria.

— Está a falar comigo?

A Frankie tem muito pouca paciência.

— Sim, Monique, estou mesmo a falar contigo. Foi por isso que eu disse: «Monique, podes chegar aqui?»

— Desculpe, só ouvi a última parte.

A Frankie dá meia-volta. Agarro no meu bloco de notas e sigo-a.

A Frankie tem algo de muito chamativo. Não sei se pode dizer-se que é convencionalmente atraente — as suas feições são severas, os olhos muito afastados —, mas, ainda assim, é impossível não olharmos para ela e ficarmos a admirá-la. Com a sua silhueta esguia, o seu metro e oitenta de altura, o cabelo afro cortado bastante curto e a sua tendência para usar cores garridas e joias grandes, quando a Frankie entra numa sala, toda a gente repara.

Em parte, foi por causa dela que aceitei este emprego. Admiro-a desde que comecei a fazer o curso de Jornalismo, altura em que lia os artigos que ela escrevia nas páginas da revista que agora dirige e para a qual trabalho. Além disso, para ser sincera, há algo de muito inspirador em ver uma mulher negra a mandar nas coisas. Sendo eu própria mestiça — pele castanho-clara e olhos castanho-escuros herdados do meu pai negro, uma profusão de sardas no rosto herdadas da minha mãe branca —, a Frankie faz-me ter a certeza de que, um dia, também poderei chegar ao topo.

— Senta-te — diz a Frankie, sentando-se e apontando para uma cadeira cor de laranja em frente à secretária de acrílico.

Sento-me calmamente e cruzo as pernas. Deixo que a Frankie seja a primeira a falar.

— Bem, tivemos aqui uma reviravolta intrigante — diz ela, a olhar para o computador. — A equipa da Evelyn Hugo quer saber se estamos interessados numa peça. Uma entrevista exclusiva.

O meu instinto é dizer *Cum caraças*, mas também *Porque é que está a contar-me isso?*

— Sobre o quê em particular? — pergunto.

— Julgo que seja algo relacionado com o leilão de vestidos que ela vai fazer — diz a Frankie. — Pelo que percebi, é muito importante para ela angariar a maior quantia possível para a Fundação Americana Contra o Cancro da Mama.

— Mas eles não confirmam isso?

A Frankie abana a cabeça.

— Confirmaram apenas que a Evelyn tem algo para dizer.

A Evelyn Hugo é uma das maiores estrelas de cinema de todos os tempos. Ela nem precisa de *ter* algo para dizer para as pessoas quererem ouvi-la.

— Isso poderia dar uma bela capa, não? Ela é uma lenda viva. Casou-se umas oito vezes, não foi?

— Sete — diz a Frankie. — E sim. Isto tem um enorme potencial. E é por isso que espero que ouças com atenção o que tenho a dizer.

— Como assim?

A Frankie respira fundo e assume uma expressão que me faz pensar que estou prestes a ser despedida. Mas depois diz:

— A Evelyn pediu especificamente que fosses tu.

— Eu?

É a segunda vez, no espaço de cinco minutos, que fico chocada por alguém ter algum interesse em falar comigo. Tenho de trabalhar melhor a minha autoestima. Em poucas palavras, ela foi arrasada há pouco tempo. Na verdade, mais vale nem sequer fingir que alguma vez foi elevada.

— Para ser sincera, foi também essa a minha reação — confessa a Frankie.

Agora é a *minha* vez de ser sincera: estou um bocadinho ofendida. Embora, obviamente, eu consiga perceber porque é que ela o diz. Trabalho na *Vivant* há menos de um ano e só costumo escrever artigos cor-de-rosa. Antes disso, trabalhava no *Discourse*, um *website* de notícias da atualidade e cultura, que se intitula uma revista noticiosa, mas que é, na verdade, um blogue com manchetes chamativas. Escrevi sobretudo para a secção *Vida Moderna*, cobrindo as novas tendências e redigindo artigos de opinião.

Depois de vários anos como trabalhadora independente, o emprego no *Discourse* foi uma tábua de salvação. Mas quando a *Vivant* me ofereceu trabalho, foi irresistível. Atirei-me de cabeça para a oportunidade de fazer parte de uma instituição, de colaborar com lendas.

No meu primeiro dia, passei por paredes decoradas com capas icónicas que operaram uma verdadeira mudança cultural — a que tinha a ativista feminina Debbie Palmer, nua e numa pose cuidadosamente pensada: de pé num arranha-céus com vista para Manhattan, em 1984; a que tinha o artista Robert Turner, a pintar uma tela enquanto o texto anunciava que sofria de sida, em 1991. Pareceu-me surreal que eu pudesse fazer parte do mundo da *Vivant*. Sempre quis ver o meu nome naquelas páginas brilhantes.

Mas, infelizmente, nas últimas doze edições, não fiz mais do que perguntas batidas a pessoas de boas famílias, enquanto os meus colegas do *Discourse* estão a tentar mudar o mundo com artigos que se tornam virais. Portanto, na prática, não estou propriamente muito impressionada comigo mesma.

— Olha, não se trata de não gostarmos de ti, porque gostamos — diz a Frankie. — Pensamos que tens um futuro brilhante pela frente na *Vivant*, mas eu estava com esperança de pôr à frente disto um dos nossos jornalistas mais experientes. Portanto, vou ser totalmente transparente contigo e dizer-te que não sugerimos o teu nome à equipa da Evelyn. Enviámos cinco grandes nomes, e isto foi o que eles responderam.

A Frankie vira para mim o ecrã do computador e mostra-me um e-mail de alguém chamado Thomas Welch, que só pode ser o assessor de imprensa da Evelyn Hugo.

De: Thomas Welch

Para: Troupe, Frankie

Cc: Stamey, Jason; Powers, Ryan

Ou nos dão a Monique Grant ou esqueçam a Evelyn.

Atordoada, olho novamente para a Frankie. E, para ser sincera, boquiaberta por a Evelyn Hugo querer ter alguma coisa que ver comigo.

— Mas tu *conheces* a Evelyn Hugo? É isso que está aqui a passar-se? — pergunta-me a Frankie, enquanto vira o computador novamente para si.

— Não — digo eu, surpreendida até por alguém me fazer essa pergunta. — Já vi alguns filmes dela, mas ela é de uma geração muito anterior à minha.

— Não tens nenhuma ligação pessoal com ela?

Abano a cabeça.

— Não, de todo.

— Não és de Los Angeles?

— Sim, mas acho que a única forma de eu ter alguma ligação à Evelyn Hugo seria se o meu pai tivesse trabalhado num filme dela naquela altura. Ele era fotógrafo de cenários cinematográficos. Posso perguntar à minha mãe.

— Ótimo. Obrigada. — A Frankie olha para mim com expectativa.

— Quer que pergunte agora?

— Consegues?

Tiro o telemóvel do bolso e envio uma mensagem de texto à minha mãe: *O pai trabalhou nalgum filme da Evelyn Hugo?*

Vejo três pontinhos a piscar e olho para cima, deparando com a Frankie a tentar espreitar para o ecrã do meu telemóvel. Ela parece perceber que está a invadir o meu espaço pessoal e chega-se para trás.

O meu telemóvel retine.

A minha mãe responde: *Talvez? Trabalhou em tantos que é difícil lembrar-me de todos. Porquê?*

É uma longa história, respondo, mas estou a tentar descobrir se tenho alguma ligação à Evelyn Hugo. Achas que o pai a teria conhecido?

A minha mãe responde: Ah! Não. O teu pai nunca se deu com ninguém famoso nos estúdios. Por muito que eu lhe tenha pedido para nos arranjar alguns amigos que fossem celebridades.

Rio-me.

— Parece que não. Não tenho nenhuma ligação à Evelyn Hugo.

A Frankie anui com a cabeça.

— OK, bem, então, a outra teoria é que a equipa dela tenha escolhido alguém com menos estofos, para tentarem controlar a pessoa e, assim, controlarem a narrativa.

Sinto o meu telemóvel a vibrar outra vez. *Lembrei-me de que queria enviar-te uma caixa com os trabalhos antigos do teu pai. Há lá coisas lindíssimas. São coisas que adoro ter aqui, mas acho que tu vais apreciá-las ainda mais. Vou enviá-la esta semana.*

— Pensa que eles estão a aproveitar-se do elo mais fraco — digo à Frankie.

Ela esboça um leve sorriso.

— Mais ou menos.

— Então, a equipa da Evelyn pôs-se a olhar para a ficha técnica, encontrou o meu nome como jornalista no fundo da hierarquia e pensou que conseguiria manipular-me. Será essa a ideia?

— É isso que temo.

— E está a dizer-me isso porque...

A Frankie sopesa as palavras.

— Porque acho que não te deixas manipular. Parece-me que estão a subestimar-te. E quero esta capa. Quero toda a gente a falar nela.

— O que está a sugerir? — pergunto, remexendo-me ligeiramente na cadeira.

A Frankie bate com uma mão na outra e pousa-as na secretária, inclinando-se para mim.

— Estou a perguntar-te se achas que tens coragem para enfrentar a Evelyn Hugo.

De entre todas as coisas que eu pensava que alguém pudesse perguntar-me hoje, esta seria provavelmente a milionésima nona. Será que tenho coragem para enfrentar a Evelyn Hugo? Não faço a mínima ideia.

— Sim — acabo por dizer.

— É isso? Apenas sim?

Quero esta oportunidade. Quero escrever esta história. Estou farta de ter a posição mais baixa na hierarquia. E estou mesmo a precisar de uma vitória, raios me partam.

— Sim, porra?

Frankie acena com a cabeça, a pensar.

— Melhor, mas ainda não estou convencida.

Tenho 35 anos. Sou jornalista há mais de uma década. Um dia, quero conseguir um contrato para um livro. Quero escolher as minhas histórias. Quero vir a ser aquela pessoa que todos vão querer contratar quando alguém como a Evelyn Hugo telefona. E estou a ser subutilizada aqui na *Vivant*. Se quiser chegar aonde quero ir, alguma coisa tem de surgir. Alguém tem de sair do meu caminho. E isso tem de acontecer rapidamente, porque esta maldita carreira é tudo o que tenho. Se eu quiser que as coisas mudem, tenho de mudar a forma como as faço. E, provavelmente, de forma drástica.

— A Evelyn quer-me a mim — digo. — A Frankie quer a Evelyn. Não me parece que eu precise de convencê-la a si, Frankie. Parece-me mais que é a Frankie que tem de me convencer *a mim*.

A Frankie fica muito calada, a fitar-me por cima das pontas unidas dos seus dedos. Estava a tentar ser formidável. Posso ter falhado o alvo.

Tenho a mesma sensação que tive quando tentei fazer musculação e peguei logo nos alteres de vinte quilos. Tentar carregar demasiada areia para a nossa camioneta evidencia que não sabemos o que estamos a fazer.

Preciso de dar tudo o que tenho para não retirar o que disse, para não me desfazer em desculpas. A minha mãe ensinou-me a ser educada, a ser humilde. Sempre me convenci de que a cortesia implica subserviência. Mas esse tipo de amabilidade não me levou muito longe. O mundo respeita as pessoas que pensam que deveriam estar a mandar nele.

Nunca compreendi essa ideia, mas estou farta de lutar contra ela. Estou aqui para, um dia, ser a Frankie, talvez maior do que a Frankie. Para fazer um trabalho grande e importante do qual me orgulhe. Para deixar uma marca. E estou muito longe de conseguir tal coisa.

O silêncio é tão confrangedor que me sinto a estalar por dentro, com a tensão a acumular-se a cada segundo que passa. Mas a Frankie cede primeiro.

— Está bem — diz ela, estendendo-me a mão enquanto se levanta.

Sinto o choque e o orgulho intenso a percorrerem as minhas veias quando estendo a mão. Asseguro-me de que o meu aperto de mão é forte; o da Frankie parece um torno.

— Dá o teu melhor, Monique. Por nós e por ti!

— Darei.

As nossas mãos separam-se e dirijo-me à porta.

— Se calhar, ela leu a peça sobre o suicídio assistido que escreveste para o *Discourse* — diz a Frankie, pouco antes de eu sair da sala.

— O quê?

— Está espetacular. Talvez seja por isso que ela te quer para a entrevista. Foi assim que te encontrámos. É uma boa história. Não só por causa das visualizações que teve, mas por tua causa, por teres feito um belo trabalho.

Foi um dos primeiros artigos verdadeiramente significativos que escrevi por minha própria vontade. Fi-lo depois de me ser atribuída uma peça sobre o aumento da popularidade dos microvegetais, principalmente no mundo da restauração de Brooklyn. Tinha ido ao mercado de Park Slope para entrevistar um agricultor local, mas quando confessei que não percebia porque é que havia quem gostasse tanto de folhas de mostarda, ele disse-me que eu lhe fazia lembrar a irmã dele. Ela fora absolutamente carnívora até ao ano anterior, altura em que mudara para uma dieta vegana, totalmente biológica, enquanto lutava contra um tumor cerebral.

Enquanto fomos conversando, ele falou-me sobre um grupo de apoio ao suicídio assistido a que ele e a irmã tinham aderido, destinado àqueles que estavam no fim da vida e aos seus entes queridos. Havia muita gente naquele grupo que lutava pelo direito de morrer com dignidade.

Uma alimentação saudável não bastaria para salvar a vida da irmã, e nenhum deles queria que ela sofresse mais tempo do que o necessário.

Percebi, então, que queria, queria mesmo muito, dar voz às pessoas desse grupo de apoio.

Voltei aos escritórios do *Discourse* e sugeri a história. Pensei que seria recusada, dada a minha recente lista de artigos sobre as tendências hipster e artigos de opinião sobre celebridades. No entanto, para minha grande surpresa, deram-me luz verde.

Trabalhei incansavelmente na peça: assisti a reuniões em caves de igrejas, entrevistei membros do grupo de apoio, escrevi e reescrevi até sentir que a peça representava toda a complexidade — tanto em compaixão como em moral — do ato de ajudar a pôr fim à vida de pessoas em sofrimento.

É o artigo de que mais me orgulho. Já me aconteceu mais do que uma vez, depois de um dia de trabalho, chegar a casa e voltar a ler essa peça, lembrando-me daquilo de que sou capaz, lembrando-me da satisfação que sinto em partilhar a verdade, por mais difícil que seja de aceitar.

— Obrigada — digo à Frankie.

— Só estou a dizer que tens talento. Pode ser que seja isso.

— Mas, provavelmente, não é.

— Pois — concorda ela. — Provavelmente, não é. Mas escreve bem esta história, seja ela qual for, e, da próxima vez, vai ser.

Evelyn Hugo Vai Pôr Tudo em Pratos Limpos

JULIA SANTOS

4 DE MARÇO DE 2017

Diz-se por aí que a bomba/LENDA VIVA/loura mais bela do mundo, Evelyn Hugo, está a leiloar vestidos e aceitou dar uma entrevista, coisa que não faz há várias décadas.

POR FAVOR, digam-me que ela está finalmente pronta para falar sobre todos aqueles malditos maridos. (Consi-go compreender quatro, talvez até cinco, seis se realmente quisermos abusar, mas sete? Sete maridos? Já para não mencionar o facto de que todos sabemos que ela teve um caso com o congressista Jack Easton no início da década de 1980. Ela gostava de dar as suas voltinhas.)

Se ela não quiser pôr tudo em pratos limpos em relação aos maridos, rezemos para que, pelo menos, revele oficialmente onde arranjou aquelas sobranceiras. PARTILHA O SEGREDO, EVELYN.

Quando olhamos para fotografias da E. nos bons velhos tempos, com aquele cabelo louro, aquelas sobranceiras escuras e bem delineadas, aquela pele profundamente bronzeada e aqueles olhos castanho-dourados, é impossível não pararmos o que estamos a fazer para ficar a fitá-la.

E nem me façam falar naquele corpo.

Sem rabo, sem ancas — apenas mamas enormes numa silhueta elegante.

Basicamente, tenho passado toda a minha vida adulta a esforçar-me para ter um corpo como aquele. (Nota: Estou muito longe disso. Pode ser o *spaghetti bucatini* que tenho comido ao almoço todos os dias desta semana.)

Aqui está a única parte que deveras me irritou: a Evelyn poderia ter escolhido qualquer pessoa para fazer isso. (Cof-cof, eu?) Mas escolheu uma novata da *Vivant*? Ela poderia ter escolhido qualquer pessoa. (Cof-cof, eu?) Porquê a tal Monique Grant (e não eu)?

Pronto, está bem. Só estou irritada por não ser eu.

Deveria mesmo arranjar um emprego na *Vivant*. Eles conseguem tudo o que é bom.

COMENTÁRIOS:

Hihello565 diz: Mesmo quem trabalha na *Vivant* já não quer trabalhar na *Vivant*. Gerentes corporativos que produzem tretas censuradas para agradar aos anunciantes.

Pppppppps responde a Hihello565: Sim, OK. Algo me diz que se a revista mais respeitada e sofisticada do país te oferecesse um emprego, aceitavas.

EChristine999 diz: A filha da Evelyn não morreu recentemente de cancro? Acho que li qualquer coisa sobre isso há pouco tempo. Tão triste. Já agora, conhecem aquela fotografia da Evelyn junto ao túmulo do Harry Cameron? Deixou-me de rastros durante meses. Que família tão bonita. Foi uma tristeza ela tê-los perdido.

Sra.JeanineGrambs diz: Não quero saber da Evelyn Hugo DE TODO. PAREM DE ESCREVER SOBRE ESTAS PESSOAS. Os casamentos dela, os casos que teve e a maioria dos filmes que fez só vão provar uma coisa: Puta. *Três da Manhã* é vergonhoso para as mulheres. Concentrem a vossa atenção nas pessoas que merecem.

SexyLexi89 diz: A Evelyn Hugo talvez seja a mulher mais bonita de todos os tempos. Aquela cena no *Boute-en-Train*, em que ela sai nua da água e a câmara corta a preto, mesmo antes de se ver os mamilos? Espetacular.

PennyDriverKLM diz: Uma salva de palmas à Evelyn Hugo por ter transformado os cabelos louros e as sobrancelhas escuras no melhor ESTILO. Evelyn, dou-te os parabéns.

YuppiePigs3 diz: Demasiado escanzelada! Para mim, não.

EvelynHugoWasASaint diz: Esta mulher doou MILHÕES DE DÓLARES a instituições de caridade que apoiam organizações que dão abrigo a mulheres maltratadas e a grupos LGBTQ+, e agora está a leiloar vestidos para angariar dinheiro para a investigação de uma cura para o cancro e vocês estão aqui a falar nas sobrancelhas dela? A sério?

JuliaSantos@TheSpill responde a EvelynHugoWasASaint: Na minha opinião, esse é um argumento válido. AS MINHAS DESCULPAS. Em minha defesa, ela começou a ganhar milhões exatamente por ser uma cabra numa indústria tramada na década de 1960. E ela nunca teria tido estofo para isso, se não tivesse talento e beleza, e nunca teria sido tão bonita SEM AS DITAS SOBRANCELHAS. Mas, OK, é um bom argumento.

EvelynHugoWasASaint responde a JuliaSantos@TheSpill: Ui! Desculpa ter sido uma cabra. Não almocei. *Mea culpa*. Isto vale o que vale, mas a *Vivant* não vai conseguir fazer um trabalho que chegue sequer aos teus calcanhares. A Evelyn deveria ter-te escolhido a ti.

JuliaSantos@TheSpill responde a EvelynHugoWasaint: É, não é????? Mas quem é essa Monique Grant? É UMA CHATA. Ela vai pagar-mas...

Passei os últimos dias a pesquisar tudo o que havia para saber sobre a Evelyn Hugo. Nunca fui uma grande cinéfila e muito menos alguma vez me interessei por qualquer estrela de Hollywood da velha guarda. Mas a vida da Evelyn — pelo menos a versão que existe registada hoje em dia — é suficiente para escrever dez telenovelas.

Começa logo pelo casamento quando era muito jovem e que terminou em divórcio aos 18 anos. Depois, veio o namoro nos estúdios e o casamento tumultuoso com o Don Adler, membro da realeza de Hollywood. Diz-se que ela o deixou porque ele lhe batia. Em seguida, regressou em grande com um filme francês da *Nouvelle Vague*. Logo depois, casou-se à pressa em Las Vegas com o cantor Mick Riva. Seguiu-se o casamento glamoroso com o elegante Rex North, que acabou com uma traição de parte a parte. Surgiu, então, uma bonita história de amor, a maior da sua vida, com o Harry Cameron e o nascimento da filha de ambos, a Connor. Mais tarde, veio um divórcio devastador e o casamento à pressa com um antigo realizador, o Max Girard. Diz-se que teve um caso com o congressista Jack Easton, muito mais jovem do que ela, que pôs fim à relação com o Girard. Por fim, o casamento com o financeiro Robert Jamison, que se diz ter sido, pelo menos em parte, motivado pelo desejo de irritar a antiga colega — e irmã do Robert — Celia St. James. Todos os seus maridos faleceram, pelo que a Evelyn é a única pessoa que sabe o que aconteceu durante esses relacionamentos.

Em poucas palavras, sei que não vai ser nada fácil fazer com que ela fale sobre qualquer um deles.

Depois de ficar a trabalhar até tarde no escritório, chego finalmente a casa um pouco antes das nove. O meu apartamento é pequeno. Creio que o termo mais apropriado é *lata de sardinhas minúscula*. Mas é espantoso que um lugar pequeno possa parecer tão grande, quando metade das nossas coisas desaparece.

O David saiu de casa há cinco semanas, e eu ainda não consegui substituir os pratos que ele levou ou a mesinha de centro que a mãe dele nos tinha dado no ano passado como presente de casamento. Credo! Nem sequer conseguimos chegar ao nosso primeiro aniversário.

Quando entro em casa e ponho a mala no sofá, sinto, mais uma vez, a mesquinhez desnecessária do ato de levar a mesinha de centro. O estúdio novo que ele tem agora em São Francisco encontrava-se totalmente mobilado, cortesia do generoso pacote de realojamento que acompanhou a promoção dele. Suspeito que tenha guardado numa arrecadação a dita mesinha de centro, bem como uma mesa de cabeceira que insistiu que era dele e todos os nossos livros de cozinha. Não tenho saudades dos livros de cozinha. Não cozinho. Mas quando algo tem inscrito «Monique e David, com votos de muitos anos de felicidade», pensamos nessa coisa como sendo metade nossa.

Penduro o casaco e interrogo-me, pela milionésima vez, que pergunta estará mais próxima da verdade: foi o David que aceitou o emprego novo e que se mudou para São Francisco *sem mim*? Ou será que fui eu quem se recusou a deixar Nova Iorque *por ele*? Enquanto me descalço, decido, mais uma vez, que a resposta estará algures no meio. Mas, depois, volta aquela constatação que me fere sempre que penso nela: *Ele efetivamente foi-se embora*.

Encomendo comida tailandesa e vou tomar um duche. Abro a água até ficar quase a escaldar. Adoro a água quente a ponto de quase me queimar. Adoro o cheiro do champô. Provavelmente, o local onde me sinto mais feliz é debaixo de um chuveiro. É aqui no vapor, coberta de espuma, que deixo de me sentir a Monique Grant, a mulher que foi deixada para trás. Ou mesmo a Monique Grant, a jornalista que não vai a lado nenhum. Sou apenas a Monique Grant, detentora de produtos de banho de luxo.

Muito depois de me ter transformado numa passa, seco-me, visto calças de fato de treino e afasto o cabelo do rosto, mesmo a tempo de receber a comida à porta.

Sento-me com o recipiente de plástico, a tentar ver televisão. Esforço-me por esvaziar a cabeça. Queria que o meu cérebro fizesse alguma coisa,

qualquer coisa que não fosse pensar no trabalho ou no David. Mas assim que a comida desaparece, apercebo-me de que é um esforço infrutífero. Mais vale trabalhar.

Esta situação é muito intimidante: a ideia de entrevistar a Evelyn Hugo, a tarefa de controlar a narrativa dela, de tentar garantir que ela não contro-la a minha. Tenho, geralmente, tendência a preparar-me demasiado. Na verdade, para ser sincera, sempre fui um bocadinho como uma avestruz, disposta a enterrar a cabeça na areia para evitar o que não quero enfrentar.

Assim, durante os três dias que se seguem, não faço mais nada a não ser pesquisar sobre a Evelyn Hugo. Passo os dias a recolher artigos antigos sobre os casamentos e os escândalos dela. Passo os meus serões a ver os seus filmes antigos.

Vejo excertos dela em *Pôr do Sol na Carolina*, *Anna Karenina*, *Diamante de Jade* e *Tudo por Nós*. Vejo o GIF dela a sair da água em *Boute-en-Train* tantas vezes que, quando adormeço, ele repete-se vezes sem conta nos meus sonhos.

E começo a apaixonar-me por ela, apenas um bocadinho, à medida que vou vendo os filmes. Entre as onze e as duas da manhã, enquanto o resto do mundo dorme, o meu portátil cintila com a imagem dela e o som da sua voz enche-me a sala de estar.

Não há como negar que é uma mulher deslumbrante. As pessoas costumam falar das sobrancelhas grossas e bem delineadas, e do cabelo louro, mas não consigo tirar os olhos da estrutura óssea. O maxilar é bem marcado, as maçãs do rosto são pronunciadas e tudo converge para os lábios carnudos. Os olhos são enormes, embora não sejam redondos, mas mais em forma de amêndoa gigante. A pele bronzeada em contraste com o cabelo claro dá-lhe o ar de quem passa muito tempo na praia, mas também é elegante. Sei que não é natural — o cabelo louro com a pele tão morena —, mas não consigo afastar a sensação de que *deveria* ser, os seres humanos deveriam nascer com este aspeto.

Não tenho dúvidas de que essa é uma das razões pelas quais o historiador de cinema Charles Reading disse que o rosto da Evelyn parecia «inevitável. Tão requintado, tão perto da perfeição que, quando olhamos

para ela, temos a sensação de que as suas feições, combinadas daquela forma, com aquelas proporções, estavam destinadas a acontecer mais cedo ou mais tarde».

Guardo imagens da Evelyn da década de 1950, nas quais enverga camisolas justas e soutiens com copa em bico, fotografias dela e do Don Adler na Sunset Studios pouco depois de se casarem, fotografias dela do início da década de 1960 com cabelo comprido e liso, e franja espessa, envergando calções curtos.

Há uma fotografia dela com um fato de banho branco, sentada junto ao mar numa praia imaculada, com um chapéu preto grande, de abas largas, a cobrir-lhe a maior parte do rosto, e o cabelo louro platinado e o lado direito do rosto iluminados pelo sol.

Uma das minhas fotografias preferidas é uma a preto-e-branco dos Globos de Ouro de 1967. Ela está sentada junto ao corredor, com o cabelo apanhado num coque pouco apertado. Enverga um vestido de renda num tom claro, com um decote muito pronunciado — revelador, mas não demasiado —, e a perna direita vê-se por entre a racha da saia.

Estão dois homens sentados ao seu lado, nomes perdidos na história, que a olham enquanto ela fita o palco. O homem ao lado dela arregala os olhos para o seu peito. O que está ao lado desse olha para a coxa. Ambos parecem extasiados e com a esperança de conseguirem ver um pouco mais.

Talvez eu esteja a fazer um filme a partir daquela fotografia, mas começo a notar um padrão: a Evelyn deixa-nos sempre com a esperança de conseguirmos ver um pouco mais. Mas nega-nos sempre.

Mesmo na sua muito falada cena de sexo em *Três da Manhã*, um filme de 1977, na qual ela se contorce, ao estilo cowgirl invertida, em cima de Don Adler, vê-se o peito dela durante menos de três segundos. Correu o rumor, durante anos, de que as receitas incríveis arrecadadas nas bilheteiras por esse filme se deviam ao facto de os casais irem vê-lo várias vezes.

Como é que ela sabe exatamente quanto deve mostrar e quanto deve reter?

Será que tudo isso muda, agora que ela tem algo para dizer? Ou será que ela vai representar para mim da mesma forma que representou para o público durante anos?

Será que a Evelyn Hugo vai dizer-me apenas o suficiente para aguçar a minha curiosidade, mas nunca o suficiente para revelar alguma coisa de valor?

Acordo meia hora antes de o despertador tocar. Verifico os meus e-mails, incluindo um da Frankie com o assunto «MANTÉM-ME INFORMADA», que parece berrar-me em letras maiúsculas. Preparo um pequeno-almoço frugal.

Visto calças pretas, uma t-shirt branca e o meu blazer preferido, com padrão em espinha. Apanho o meu cabelo comprido e encaracolado num coque no topo da cabeça. Renuncio às lentes de contacto e escolho os óculos com a armação preta mais grossa.

Ao olhar para o espelho, reparo que o meu rosto se tornou mais afilado desde que o David se foi embora. Apesar de sempre ter tido uma silhueta delgada, o meu rabo e a minha cara parecem ser os primeiros a acusar qualquer peso extra. Enquanto estive com o David durante os dois anos que namorámos e os onze meses que estivemos casados, ganhei algum peso. O David gosta de comer. E enquanto ele se levantava de manhã cedo para correr, eu ficava a dormir.

Olhando agora para o meu reflexo, bem arranjada e mais magra, sinto um ímpeto de confiança. Estou com bom aspeto. Sinto-me bem.

Antes de sair de casa, agarro no cachecol de caxemira bege que a minha mãe me deu no Natal passado. E, depois, ponho um pé à frente do outro, desço para o metro, entro em Manhattan e sigo até à zona residencial da cidade.

A casa da Evelyn fica muito perto da Fifth Avenue, com vista para o Central Park. Já fiz pesquisas suficientes na Internet para saber que ela tem esta casa e uma vivenda em frente à praia nos arredores de Málaga, em Espanha. É proprietária deste apartamento desde o final da década de 1960, quando o comprou com o Harry Cameron. Herdou a vivenda quando o Robert Jamison morreu, há quase cinco anos. Na minha próxima vida, por favor, lembrem-me de voltar como estrela de cinema com direito a uma percentagem dos lucros dos filmes.

O edifício onde a Evelyn mora, pelo menos a parte exterior — pedra, anterior à guerra, estilo *beaux arts* — é extraordinário. Sou recebida, antes mesmo de entrar, por um porteiro bonito e de uma certa idade, com olhos suaves e um sorriso meigo.

— Em que posso ajudá-la? — pergunta ele.

Sinto-me envergonhada só de proferir a frase.

— Estou aqui para falar com a Evelyn Hugo. O meu nome é Monique Grant.

Ele sorri e abre-me a porta para eu passar. É evidente que estava à minha espera. Acompanha-me até ao elevador e pressiona o botão para o último andar.

— Tenha um bom dia, Sra. Grant — diz ele, e depois desaparece enquanto as portas do elevador se fecham.

Toco à campainha da porta de casa da Evelyn às onze da manhã em ponto. Uma mulher de calças de ganga e uma blusa azul-escura vem receber-me. Parece ter cerca de 50 anos, talvez um pouco mais. É norte-americana de origem asiática, com o cabelo liso e preto apanhado num rabo de cavalo. Traz na mão uma pilha de cartas que ainda não estão todas abertas.

Sorri e estende-me a mão.

— Deve ser a Monique — diz ela, enquanto lhe estendo a minha. Parece ser o tipo de pessoa que realmente tem gosto em conhecer outras pessoas, e agrada-me de imediato, apesar da promessa que fiz a mim própria de permanecer neutra em relação a tudo o que encontrar aqui hoje. — Eu sou a Grace.

— Olá, Grace — cumprimento-a. — Prazer em conhecê-la.

— O prazer é todo meu. Entre.

A Grace afasta-se para eu passar e acena com a cabeça, convidando-me a entrar. Pouso a mala no chão e dispo o casaco.

— Pode pô-lo aqui dentro — sugere, abrindo um armário no átrio e entregando-me um cabide de madeira.

Este armário para casacos é do tamanho da minha casa de banho. Toda a gente sabe que a Evelyn tem mais dinheiro do que Deus. Mas tenho

de fazer um esforço para não deixar que isso me intimide. Ela é bela, rica, poderosa, sensual e encantadora. E eu sou um ser humano normal. De alguma forma, tenho de me convencer de que eu e ela estamos em pé de igualdade, ou isto nunca irá correr bem.

— Ótimo — digo, a sorrir. — Obrigada.

Ponho o casaco no cabide, penduro-o no varão e deixo que a Grace feche a porta.

— A Evelyn está lá em cima, a preparar-se. Posso trazer-lhe alguma coisa? Água, café, chá?

— Um café seria ótimo — digo.

A Grace conduz-me à sala de estar. É luminosa e arejada, com estantes brancas do chão ao teto e duas poltronas cremes com excesso de enchimento.

— Sente-se — diz ela. — Como é que o prefere?

— O meu café? — pergunto, insegura. — Com natas? Quero dizer, também pode ser leite. Mas com natas está ótimo. Ou o que quer que tenha. — Tento controlar-me. — O que estou a tentar dizer é que gostaria de um pouco de natas, se as tiver. Dá para notar que estou nervosa?

A Grace sorri.

— Um bocadinho. Mas não precisa de se preocupar. A Evelyn é muito simpática. É atenta aos pormenores e reservada, o que pode não ser fácil ao início. Mas já trabalhei para muita gente e posso dizer-lhe que a Evelyn é melhor do que as outras pessoas.

— Ela pagou-lhe para dizer isso? — pergunto. Estou a tentar agradecer, mas as minhas palavras soam mais bruscas e acusatórias do que pretendia.

Felizmente, a Grace ri-se.

— No ano passado, o meu bónus de Natal foi uma viagem a Londres com o meu marido. Portanto, de uma forma indireta, sim, suponho que o tenha feito.

Meu Deus!

— Bem, isso resolve o problema. Quando se despedir, vou querer o seu emprego.

A Grace ri-se.

— Combinado! O seu café com um pouco de natas sai já a seguir.

Sento-me e consulto o telemóvel. Tenho uma mensagem da minha mãe a desejar-me boa sorte. Começo a responder, mas perco-me nas minhas tentativas de digitar corretamente a palavra *madrugaste*, sem que o corretor ortográfico a mude para *madrugada*, quando ouço passos nas escadas. Viro-me e vejo a Evelyn Hugo, com os seus 79 anos, a caminhar na minha direção.

É tão deslumbrante como qualquer das suas fotografias.

Tem a postura de uma bailarina. Enverga calças elásticas pretas justas e uma camisola comprida às riscas cinzentas e azul-escuras. Está tão magra como sempre foi e a única forma de percebermos que fez uma plástica ao rosto é porque ninguém da idade dela pode ter este aspeto sem a ajuda de um médico.

A pele está resplandecente e só ligeiramente avermelhada, como se tivesse sido acabada de lavar. Usa pestanas postiças, ou talvez tenha feito extensões. Onde outrora as suas faces eram angulares, estão agora um pouco encovadas. Foram cobertas por um tom rosado suave e os seus lábios têm um *nude* escuro.

O cabelo ultrapassa os ombros — uma bela mistura de branco, grisalho e louro — com as cores mais claras a emoldurarem-lhe o rosto. Tenho a certeza de que aquele cabelo tem madeixas tricolores, mas o resultado é o de uma mulher que envelheceu com graciosidade e que passa tempo ao sol.

As suas sobrancelhas, porém — aquelas linhas escuras, grossas e bem delineadas que eram a sua imagem de marca — têm perdido espessura com os anos e são agora da mesma cor que o cabelo.

Quando chega junto de mim, reparo que não traz sapatos, mas meias grandes e grossas de malha.

— Monique, olá — diz a Evelyn.

Fico momentaneamente surpreendida com a casualidade e a confiança com que ela diz o meu nome, como se me conhecesse há anos.

— Olá — digo.

— Sou a Evelyn.

Ela estende a mão e agarra na minha, apertando-a. Apercebo-me de que é uma forma de poder única dizer o seu próprio nome quando se sabe que todos na sala, toda a gente no mundo, já o conhece.

A Grace entra, trazendo uma chávena de café branca sobre um pires branco.

— Ora aqui está. Com um pouco de natas.

— Muito obrigada — digo, aceitando a chávena.

— Eu também gosto assim — comenta a Evelyn, e eu tenho vergonha de admitir que isso me emociona. Sinto-me como se lhe tivesse agradado.

— Posso trazer-vos mais alguma coisa? — pergunta a Grace.

Abano a cabeça e a Evelyn não responde. A Grace sai.

— Venha — diz a Evelyn. — Vamos para a sala de estar, onde estaremos mais à vontade.

Quando pego na mala, a Evelyn tira-me o café da mão, levando-o por mim. Uma vez, li que o carisma é «um encanto que inspira devoção». Não consigo deixar de pensar nisso agora, quando ela está a segurar no meu café. A combinação de uma mulher tão poderosa e de um gesto tão insignificante e humilde é seguramente encantadora.

Entramos numa divisão grande e luminosa com janelas do chão ao teto. Vejo poltronas cremes em frente a um suave sofá azul-acinzentado. O tapete marfim debaixo dos nossos pés é espesso e, ao procurar o seu fim, fico boquiaberta quando vejo um piano de cauda preto, aberto sob a luz das janelas. Nas paredes, estão duas ampliações a preto-e-branco.

A que está por cima do sofá é do Harry Cameron no cenário de um filme.

A que está por cima da lareira é o cartaz de uma adaptação cinematográfica de *Mulherzinhas*, que a Evelyn protagonizou em 1959. A Evelyn, a Celia St. James e outras atrizes compõem a imagem. Todas estas quatro mulheres devem ter sido conhecidas da década de 1950, mas foram a Evelyn e a Celia as que resistiram à passagem do tempo. Observando-as com atenção, apercebo-me de que a Evelyn e a Celia parecem brilhar mais do que as outras. Mas tenho quase a certeza de que isso é simplesmente fruto da minha imaginação. Estou a ver o que quero ver, com base na forma como sei que tudo acaba.

A Evelyn pousa a minha chávena e o meu pires na mesinha de centro lacada a preto.

— Sente-se — diz, instalando-se numa das poltronas estofadas, puxando os pés para debaixo do corpo. — Onde quiser.

Anuo com a cabeça e pouso a mala no chão. Sentando-me no sofá, pego no meu bloco de notas.

— Então, vai leiloar os seus vestidos — digo, enquanto me acomodo. Clico na caneta, pronta para ouvir.

Nesse momento, a Evelyn diz:

— Na verdade, chamei-a aqui com um pretexto falso.

Fito-a, é óbvio que ouvi mal.

— Desculpe?

A Evelyn remexe-se na poltrona e olha para mim.

— Não há muito a dizer sobre o facto de ir entregar uma série de vestidos à Christie's.

— Bem, então...

— Chamei-a aqui para discutir outra coisa.

— Que outra coisa?

— A história da minha vida.

— A história da sua vida? — pergunto, atordoada e com dificuldade em acompanhá-la.

— Um livro aberto, sem papas na língua.

Uma Evelyn Hugo sem papas na língua seria... Não sei. Provavelmente, a história do ano.

— Quer dar à *Vivant* uma entrevista sem qualquer censura?

— Não — diz ela.

— Não quer dar a entrevista?

— Não quero dar uma entrevista à *Vivant*.

— Então, porque estou eu aqui?

Sinto-me ainda mais perdida do que me sentia há bocadinho.

— É a si que quero dar a entrevista.

Olho para ela, tentando decifrar exatamente o que diz.

— Vai falar oficialmente sobre a sua vida e vai fazê-lo comigo, mas não com a *Vivant*?

A Evelyn anui com a cabeça.

— Agora estamos a chegar lá.

— O que está a propor, ao certo?

Não há qualquer hipótese de eu me ver numa situação em que uma das pessoas mais intrigantes do mundo está a oferecer-me a história da sua vida *sem qualquer razão*. Deve estar a escapar-me alguma coisa.

— Irei contar-lhe a história da minha vida de uma forma que será benéfica para nós as duas. Embora, para ser sincera, principalmente para si.

— De que nível de profundidade estamos a falar?

Talvez ela queira uma retrospectiva superficial? Alguma história leve publicada algures num meio de comunicação social à sua escolha?

— Tudo e um par de botas. O bom, o mau e os podres. Use o cliché que quiser para exprimir: «Vou contar-lhe a verdade sobre absolutamente tudo o que já fiz.»

Uau!

Sinto-me mesmo tonta por chegado aqui à espera de que ela me respondesse a algumas perguntas sobre vestidos. Pouseo o caderno em cima da mesinha à minha frente e, calmamente, coloco a caneta em cima dele. Quero lidar com isto na perfeição. É como se um pássaro lindíssimo e delicado tivesse acabado de pousar no meu ombro e, se eu fizer um movimento brusco, ele possa voar para longe.

— OK, se bem entendi, o que está a dizer é que gostaria de confessar os seus vários pecados...

A postura da Evelyn, que até este ponto a fazia parecer uma pessoa tranquila e algo distante, muda. Está agora a inclinar-se para mim.

— Eu nunca disse nada sobre confessar pecados. Não disse absolutamente nada sobre pecados.

Afasto-me ligeiramente. Estraguei tudo.

— Desculpe — digo. — Foi uma má escolha de palavras. — A Evelyn não diz nada. — Desculpe, Sra. Hugo. Isto é um pouco surreal para mim.

— Pode chamar-me Evelyn — diz ela.

— Está bem, Evelyn, qual é o próximo passo? O que é que vamos fazer juntas, ao certo? — Pego na chávena de café e levo-a aos lábios, bebendo apenas um gole minúsculo.

— Não vamos fazer um artigo de capa para a *Vivant* — diz ela.

— OK, isso eu já percebi — digo, enquanto pouso a chávena.

— Vamos escrever um livro.

— Vamos?

A Evelyn assente com a cabeça.

— Eu e você — diz ela. — Li o seu trabalho. Gosto da forma como comunica de modo claro e sucinto. A sua escrita tem uma qualidade muito direta que admiro e que penso que seria útil para o meu livro.

— Está a pedir-me para ser a escritora-fantasma da sua autobiografia?

Isto é fantástico. Isto é absolutamente, positivamente fantástico. *Esta* é uma boa razão para ficar em Nova Iorque. Uma ótima razão. Coisas como esta não acontecem em São Francisco.

A Evelyn abana novamente a cabeça.

— Estou a dar-lhe a história da minha vida, Monique. Vou contar-lhe toda a verdade. E a Monique vai escrever um livro sobre isso.

— E depois pomos-lhe o seu nome e dizemos a toda a gente que o escreveu. É isso que se faz quando se usa um escritor-fantasma.

Volto a pegar na minha chávena.

— O meu nome não constará dele. Estarei morta.

Engasgo-me com o café e, ao fazê-lo, mancho com gotas escuras o tapete branco.

— Oh, meu Deus — digo, talvez demasiado alto, ao pousar a taça.

— Entornei café no tapete.

A Evelyn desconsidera a questão, acenando com a mão, mas a Grace bate à porta e abre apenas uma fresta por onde enfia a cabeça.

— Está tudo bem?

— Entornei café, desculpe — digo eu.

A Grace abre completamente a porta e entra, dando uma olhadela.

— Lamento muito. Fiquei um bocadinho chocada, foi só isso.

Reparo no olhar da Evelyn e, apesar de não a conhecer muito bem, percebo que está a mandar-me ficar calada.

— Não há problema — diz a Grace. — Eu trato do assunto.

— Tem fome, Monique? — pergunta a Evelyn, pondo-se de pé.

— Desculpe?

— Conheço um lugar mesmo ao fundo da rua que faz umas saladas excelentes. Pago eu.

Ainda não é meio-dia e, quando estou ansiosa, a primeira coisa a desaparecer é o meu apetite, mas digo que sim de qualquer forma, porque tenho a nítida sensação de que não é efetivamente uma pergunta.

— Ótimo — diz a Evelyn. — Grace, telefonas para o Trambino's?

A Evelyn conduz-me pelo ombro e, passados menos de dez minutos, estamos a caminhar pelos passeios arranjados do Upper East Side.

A brisa gelada surpreende-me e reparo que a Evelyn aperta bem o cinto à volta da sua cintura estreita.

À luz do sol, é mais fácil ver os sinais de envelhecimento. O branco dos olhos está turvo e a tez das mãos está prestes a tornar-se translúcida. A tonalidade azul-clara das suas veias faz-me lembrar a minha avó. Eu adorava a suavidade da pele dela, fina como papel, e a forma como não ressaltava e permanecia no lugar.

— Evelyn, o que quer dizer com «estará morta?»

A Evelyn ri-se.

— Quero dizer que quero que publique o livro como uma biografia autorizada, com o seu nome, quando eu morrer.

— OK — digo eu, como se fosse uma coisa perfeitamente normal. Mas depois apercebo-me de que não, não é normal; é uma loucura. — Não quero ser indelicada, mas está a dizer-me que está a morrer?

— Todos nós estamos a morrer, minha querida. Você está a morrer, eu estou a morrer, aquele tipo está a morrer.

Ela aponta para um homem de meia-idade, a passear um cão preto peludo. Ele ouve-a, vê o dedo dela a apontar para ele e percebe que é dele que ela está a falar. A expressão no seu rosto é a de quem acabou de apanhar um susto triplo.

Viramos para entrar no restaurante, descendo os dois degraus até à porta. A Evelyn senta-se a uma mesa ao fundo. Nenhum empregado nos conduz até aqui. Ela sabe simplesmente para onde ir e assume que todos os outros a acompanharão. Um empregado de mesa com calças pretas,

uma camisa branca e uma gravata preta aproxima-se da nossa mesa e pou-
sa dois copos de água. O da Evelyn não tem gelo.

— Obrigada, Troy — diz a Evelyn.

— Uma salada? — pergunta ele.

— Bem, para mim, sim, claro, mas não sei quanto à minha amiga —
diz a Evelyn.

Tiro o guardanapo da mesa e ponho-o no colo.

— Uma salada parece-me bem, obrigada.

O Troy sorri e afasta-se.

— Vai gostar da salada daqui — diz a Evelyn, como se fôssemos duas
amigas a ter uma conversa perfeitamente normal.

— Está bem — digo eu, para tentar redirecionar a conversa. — Fale-me
mais sobre este livro que estamos a escrever.

— Já lhe disse tudo o que precisa de saber.

— Disse-me que vou escrevê-lo e que está a morrer.

— Tem de prestar mais atenção à escolha de palavras.

Isto pode ser areia a mais para a minha camioneta — e posso não estar
exatamente onde queria estar na vida neste momento —, mas sei uma ou
duas coisas acerca da escolha de palavras.

— Devo tê-la compreendido mal. Juro-lhe que sou muito cuidadosa
com as minhas palavras.

A Evelyn encolhe os ombros. Esta conversa não representa qualquer
risco para ela.

— A Monique é jovem e toda a sua geração tem pouco cuidado com
palavras que têm um grande significado.

— Estou a ver.

— E eu não disse que estava a confessar quaisquer *pecados*. Dizer que
o que tenho a dizer é pecado é enganador e ofensivo. Não sinto qualquer
arrependimento pelas coisas que fiz; pelo menos, não me arrependo das
coisas que seriam de esperar, por muito duras que possam ter sido ou por
muito repugnantes que possam parecer à luz fria do dia.

— *Je ne regrette rien* — digo eu, pegando no meu copo de água
e bebendo-o.

— É esse o espírito — diz Evelyn. — Embora essa canção tenha mais que ver com o facto de não nos arrependermos porque não vivemos no passado. O que quero dizer é que, ainda hoje, tomaria muitas das mesmas decisões. Para que fique bem claro, *há* coisas de que me arrependo. Porém... essas coisas não são realmente as mais sórdidas. Não me arrependo de muitas das mentiras que contei ou das pessoas que magoei. Consigo lidar bem com o facto de que, por vezes, ter a atitude certa pode não ser muito bonito. Além de que também sinto compaixão por mim própria. Confio em mim própria. Por exemplo, quando me irritei consigo há pouco, em minha casa, quando a Monique disse aquilo de confessar os meus pecados. Não foi uma coisa agradável de se fazer e não tenho a certeza de ter merecido. Mas não me arrependo. Porque sei que tinha as minhas razões e fiz o melhor que pude com todos os pensamentos e sentimentos que me levaram até esse ponto.

— A palavra *pecado* incomoda-a porque implica que lamenta ter feito algo.

As nossas saladas aparecem, e o Troy, sem uma palavra, mói pimenta sobre a da Evelyn até ela levantar a mão no ar e sorrir. Eu recuso.

— Podemos lamentar ter feito alguma coisa e não nos arrependermos — diz a Evelyn.

— Tem toda a razão — digo eu. — Percebo perfeitamente. Espero que possa dar-me o benefício da dúvida, se avançarmos, sabendo que estamos no mesmo comprimento de onda. Mesmo que haja múltiplas formas de interpretar exatamente aquilo de que estamos a falar.

A Evelyn pega no garfo, mas não faz nada com ele.

— Acho muito importante, perante uma jornalista que vai guardar o meu legado nas suas mãos, dizer exatamente o que quero e como quero — diz a Evelyn. — Se vou falar-lhe da minha vida, se vou contar-lhe o que realmente aconteceu, a verdade por detrás de todos os meus casamentos, os filmes que filmei, as pessoas que ameí, com quem dormi, quem magoei, os compromissos a que tive de chegar e aonde tudo isso me levou, tenho de saber que a Monique me *compreende*. Preciso de saber que vai ouvir *exatamente* o que estou a tentar dizer-lhe e não vai imiscuir na minha história as suas suposições.

Eu estava enganada. Esta não é uma conversa sem riscos para a Evelyn. A Evelyn consegue falar casualmente sobre coisas de grande importância. Mas agora, neste momento, quando ela está a demorar tanto tempo a fazer estas observações tão específicas, estou a aperceber-me de que isto é *real*. Isto está a acontecer. Ela quer mesmo contar-me a história da sua vida — uma história que, sem dúvida, inclui a verdade nua e crua por detrás da sua carreira, dos seus casamentos e da sua imagem. Esta posição em que está a colocar-se é incrivelmente vulnerável. Ela está a dar-me muito poder. Não sei *por que motivo* está a fazê-lo. Mas isso não nega o facto de que está *efetivamente* a fazê-lo. E é meu dever, neste momento, mostrar-lhe que sou digna da sua história e que vou tratá-la como sagrada.

Pouso o garfo.

— Isso faz todo o sentido, e peço desculpa se fui superficial.

A Evelyn desconsidera as minhas palavras com um aceno.

— Hoje em dia, a cultura é toda superficial. É a nova moda.

— Importa-se que faça mais algumas perguntas? Assim que perceber o panorama geral, prometo concentrar-me apenas no que me diz e no que quer dizer, para que se sinta compreendida a um nível tal que não se possa pensar em ninguém mais adequado à tarefa de guardar os seus segredos do que eu.

A minha sinceridade desarma-a por breves instantes.

— Pode começar — diz ela, enquanto come uma garfada da sua salada.

— Se vou publicar este livro depois do seu falecimento, que tipo de ganho financeiro tem em mente?

— Para mim ou para si?

— Comecemos por si.

— Nenhum para mim. Lembre-se, eu vou estar morta.

— Já mencionou isso.

— Próxima pergunta.

Inclino-me de forma conspiratória.

— Detesto falar de algo tão vulgar, mas já pensou na linha cronológica que pretende? Tenho de guardar este livro durante anos até a Evelyn...

— Morrer?

— Bem... sim — digo.

— Próxima pergunta.

— O quê?

— Próxima pergunta, por favor.

— Não respondeu a esta.

A Evelyn mantém-se calada.

— Muito bem, então, que tipo de ganho financeiro existe para mim?

— Uma pergunta muito mais interessante e estava aqui a interrogar-me porque demorou tanto tempo a fazê-la.

— Bem, já a fiz.

— Eu e a Monique vamos encontrar-nos nos próximos dias, sejam eles quantos forem, para eu lhe contar absolutamente tudo. E, depois, a nossa relação terminará e ficará livre, ou talvez eu deva dizer com a obrigação de transformar isso num livro e vendê-lo pela oferta mais alta. E refiro-me mesmo à oferta mais alta. Insisto em que seja implacável na sua negociação, Monique. Obrigue-os a pagar-lhe o que pagariam a um homem branco. E depois, assim que o fizer, cada cêntimo da venda será seu.

— Meu? — pergunto, atordoada.

— Deveria beber um gole de água. Parece prestes a desmaiar.

— Evelyn, uma biografia autorizada da sua vida, na qual fala de todos os seus sete casamentos...

— Sim?

— Um livro dessa natureza poderá valer milhões de dólares, mesmo sem eu ter de negociar.

— Mas vai negociar — diz a Evelyn, bebendo um gole de água, com um ar muito satisfeito.

A pergunta tem de ser feita. Andamos em bicos dos pés à volta dela há demasiado tempo.

— Por que raio faria isso por mim?

A Evelyn anui com a cabeça. Estava à espera da pergunta.

— Por agora, pense nisso como um presente.

— Mas porquê?

— Próxima pergunta.

— A sério?

— A sério, Monique, próxima pergunta.

Sem querer, deixo cair o garfo na toalha cor de marfim. O óleo do tempero mancha o tecido, tornando-o mais escuro e mais translúcido. A sala é deliciosa, mas tem cebola a mais e consigo sentir o meu hálito acre a permear o espaço à minha volta. Que diabo se passa aqui?

— Não quero parecer ingrata, mas acho que mereço saber porque é que uma das atrizes mais famosas de todos os tempos me arrancaria da obscuridade para ser sua biógrafa e me daria a oportunidade de fazer milhões de dólares com a sua história.

— O *Huffington Post* diz que eu poderia vender a minha autobiografia no mínimo por doze milhões de dólares.

— Meu Deus!

— Suponho que haja muita gente com curiosidade.

A forma como a Evelyn está a divertir-se tanto com esta situação, o modo como parece adorar chocar-me, faz-me saber que isto é, pelo menos em parte, um jogo de poder. Ela gosta de ter uma atitude despreocupada em relação a coisas que mudariam a vida de outras pessoas. Não é essa a própria definição de poder? Veremos as pessoas a matarem-se por algo que não significa nada para nós?

— Doze milhões é muito dinheiro, não me interprete mal... — diz a Evelyn, e ela não precisa de terminar a frase para que eu a complete na minha cabeça. *Mas não é assim tanto para mim.*

— Mas mesmo assim, Evelyn, porquê? Porquê eu?

A Evelyn olha para mim, com o rosto inexpressivo.

— Próxima pergunta.

— Com todo o respeito, não está a ser muito justa.

— Estou a oferecer-lhe a oportunidade de fazer uma fortuna e de subir vertiginosamente na sua carreira. Não tenho de ser justa. Pelo menos, não tenho de o ser nessa sua aceção do termo.

Por um lado, isto parece-me ser de caras. Porém, ao mesmo tempo, a Evelyn não me deu absolutamente nada de concreto. E eu poderia perder o meu emprego por roubar uma história como esta. Este emprego é tudo o que tenho neste momento.

— Posso ter algum tempo para pensar nisto?

— Pensar em quê?

— Em tudo isto.

Os olhos da Evelyn semicerram-se ligeiramente.

— O que raio há para pensar?

— Desculpe se isso a ofende — digo-lhe.

A Evelyn interrompe-me.

— Não me *ofendeu*.

A mera sugestão de que eu poderia irritá-la irrita-a.

— Há muito a considerar — digo. Eu posso ser despedida. Ela pode voltar atrás. Eu posso falhar estrondosamente como autora deste livro.

A Evelyn inclina-se para a frente, para me ouvir.

— Por exemplo?

— Por exemplo, como vou lidar com esta situação no que toca à *Vivant*? Eles pensam que têm um exclusivo consigo. Neste preciso momento, estão a telefonar a fotógrafos.

— Pedi ao Thomas Welch para não prometer absolutamente nada. Se eles se puseram a fazer suposições malucas sobre algum exclusivo, isso é lá com eles.

— Mas também é comigo. Porque agora sei que não tem qualquer intenção de avançar com eles.

— E depois?

— Depois, o que é que eu faço? Volto ao escritório e digo à minha chefe que a Evelyn não tem nada para dizer à *Vivant*, mas que nós as duas vamos vender um livro? Vai parecer que agi nas costas deles, durante o meu horário de expediente, note-se, e que lhes roubei o exclusivo.

— Na verdade, isso não é um problema meu — diz a Evelyn.

— Mas é por isso que tenho de pensar no assunto. Por ser um problema *meu*.

A Evelyn ouve-me. Percebo que está a levar-me a sério pela forma como pousa o copo de água e me fita, inclinada sobre os antebraços na mesa.

— Tem aqui uma oportunidade única na sua vida, Monique. Consegue perceber isso, certo?

— Claro que sim.

— Portanto, faça um favor a si própria e aprenda a agarrar a vida pelos tomates, minha querida. Não se empenhe tanto em tentar fazer a coisa certa, quando a coisa mais inteligente é tão clara que dói.

— Não acha que eu deveria ser sincera com a minha entidade patronal sobre esta questão? Eles vão pensar que os apunhalei pelas costas.

A Evelyn abana a cabeça.

— Quando a minha equipa a solicitou especificamente a si, a sua empresa respondeu apresentando profissionais de um nível superior. Eles só concordaram em enviá-la quando eu deixei bem claro que era a Monique ou não era ninguém. Sabe por que razão o fizeram?

— Porque eles acham que eu...

— Porque eles gerem um negócio. E a Monique também. Neste momento, o seu negócio está prestes a rebentar com a escala. Tem uma escolha a fazer. Vamos escrever um livro juntas ou não? Gostaria que soubesse que, se não o escrever, não o darei a mais ninguém. Nesse caso, morrerá comigo.

— Porque me contaria apenas *a mim* a história da sua vida? Nem sequer me conhece. Isso não tem lógica.

— Não tenho qualquer obrigação de ser lógica para consigo.

— O que é que procura, Evelyn?

— Faz demasiadas perguntas.

— Estou aqui para a entrevistar.

— Mesmo assim. — Ela bebe um gole de água, engole e, depois, fita-me diretamente nos olhos. — Quando terminarmos, já não terá quaisquer perguntas — diz ela. — Todas essas coisas que quer saber tão desesperadamente, prometo responder-lhe a isso antes de terminarmos. Mas não vou responder-lhe um minuto antes de querer fazê-lo. Eu é que mando. É assim que isto vai ser.

Ouçõ-a, penso no assunto e depois apercebo-me de que seria uma completa idiota se não agarrasse esta oportunidade, independentemente das condições que estão a ser-me impostas. Não fiquei em Nova Iorque e permiti que o David fosse para São Francisco por gostar da Estátua

da Liberdade. Fi-lo porque quero subir na hierarquia o mais alto que conseguir. Fi-lo porque quero o meu nome, o nome que o meu pai me deu, um dia, em letras grandes e arrojadas. Esta é a minha oportunidade.

— OK — digo.

— Então, está bem. Fico contente por ouvir isso. — Os ombros da Evelyn relaxam, ela volta a pegar no copo de água e sorri. — Monique, acho que gosto de si — diz.

Inspiro fundo, apercebendo-me de que mal ousara respirar até agora.

— Obrigada, Evelyn. Isso significa muito para mim.

FINALISTA DOS PRÉMIOS GOODREADS
LIVRO DO MÊS DA AMAZON
UM DOS LIVROS DO ANO PARA O BOOK OF THE MONTH

Evelyn Hugo, uma das maiores estrelas de Hollywood, agora a aproximar-se dos 80 anos, decide finalmente contar tudo sobre a sua vida recheada de *glamour* e de uma boa dose de escândalos. Quando escolhe a desconhecida Monique Grant para escrever a sua história, todos ficam surpreendidos, incluindo a própria jornalista. Porquê ela? Porquê agora?

Determinada a aproveitar a oportunidade para impulsionar a sua carreira, Monique regista o relato de Evelyn com fascínio e admiração. Da chegada a Hollywood no início da década de 1950 à decisão de abandonar o mundo do espetáculo 30 anos depois, incluindo, claro está, os seus sete casamentos, a vida de Evelyn é repleta de ambição desmedida, amizades improváveis e um grande amor proibido.

À medida que a história de Evelyn se aproxima do final, torna-se claro que a sua vida está ligada à de Monique de uma forma trágica e irreversível.

«Entusiasmante, comovente e recheado do *glamour* da Velha Hollywood, *Os Sete Maridos de Evelyn Hugo* é um dos livros mais cativantes do ano.»

Buzzfeed

«Fascinante, emotivo e difícil de largar.
O melhor trabalho de Taylor Jenkins Reid até à data.»

Associated Press

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-451-3



9 789895 644513

Literatura Traduzida